

DESCOBRINDO O ENCOBERTO NOS TEXTOS INFORMATIVOS

DECIPHERING THE "HIDDEN" IN INFORMATIVE TEXTS

Arthur Rezende da Silva*

Resumo

O presente artigo traçou como objetivo primordial conscientizar o leitor quanto à importância de se depreender recursos retóricos pertencentes à língua portuguesa. A partir de uma análise baseada na Retórica, os leitores, dificilmente, serão ludibriados por textos tidos como neutros, como é o caso de alguns textos informativos. Conhecer recursos retóricos como a intertextualidade, figuras de linguagem, operadores linguísticos, pressupostos, subentendidos, dentre outros, é o caminho eficaz a ser percorrido por aqueles que aspiram à viabilização de uma leitura crítica de textos informativos. Para comprovar que textos informativos podem, sim, recorrer aos recursos retóricos, foi analisado um texto jornalístico veiculado no Jornal O Globo. Concernente ao marco teórico, foram consultadas obras de alguns autores da área da Retórica, Semântica Argumentativa e Linguística Textual, quais sejam: Aristóteles, Ingedore Kock, Olivier Reboul, Perelman, Philippe Breton, Oswald Ducrot, dentre outros. Portanto, saber "ler" um texto é muito mais do que uma simples decodificação, é, acima de tudo, compreender o "querer dizer" como um "querer fazer".

Palavras-chave

Retórica. Recursos argumentativos. Texto informativo.

Abstract

The main objective of this article is to raise the reader of the importance of know the rethoric resources in portuguese language. From of an analysis based on Rethoric, the readers probably will not be deceived by texts considered neuters, such as informative texts. To know rethoric resources intertextuality, language figures, linguistc operators, assumptions implies and many others is the effective way to be covered by those who aspire to break off passivity during the reading of informative texts. To comprove this thesis, journalistic texts from the newspapers O Globo were analysed. The teory was based on some authors of Rethoric and Textual Linguistic, such: Aristóteles, Ingedore Kock, Olivier Reboul, Perelman, Philippe Breton, ant others. So, know how to read a text is much more than a simple decodification, it is, above all, comprehend the "want to do" likewise a "want to say".

* Pós-graduado em Literatura, Memória Cultural e Sociedade pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense (IFF), campus Campos-Centro, em Campos dos Goytacazes, RJ. Técnico em Assuntos Educacionais (TAE) concursado do IFF, campus Bom Jesus do Itabapoana, RJ e Professor concursado de Língua Portuguesa da FAETEC (Fundação de Apoio à Escola Técnica do Estado do Rio de Janeiro) de Laje do Muriaé, RJ.

Key words

Rethoric. Argumentative resources. Informative text.

Introdução

O título “Descobrimo o encoberto nos textos informativos” foi baseado nas seguintes palavras do escritor Machado de Assis: “Eu gosto de catar o mínimo e escondido. Onde ninguém mete o nariz, aí entra o meu, com a curiosidade estreita e aguda que descobre o encoberto.”

A sociedade na qual vivemos apresenta uma característica importante: cada vez mais estamos “cercados” de informações, seja pela televisão, internet, jornais impressos, etc. Por conta da quantidade de informação, o leitor pode se tornar uma “vítima” nesse processo, uma vez que, com tanta possibilidade de informação, muitos acabam se “acomodando”, ou seja, aceitando tudo o que lhes é transmitido, não havendo, na maioria das vezes, disponibilidade e conhecimento necessários para se realizar uma análise crítica de textos informativos e, como consequência dessa “não análise”, acredita-se, na maioria das vezes, na neutralidade dessa tipologia.

Muitos leitores se intitulam “cultos” só pelo fato de terem acesso a uma carga informativa exacerbada. Porém, esses mesmos leitores não se dão conta de que não é a quantidade de informação que torna o leitor um sujeito crítico, mas sim, a “qualidade” de sua análise feita frente a esses textos informativos. Sendo assim, o leitor que acredita que a quantidade é mais importante do que a “qualidade”, “assume” uma postura de passividade interpretativa durante a leitura de textos informativos.

Para desmistificar essa “tese” de neutralidade dos textos informativos e para oferecer subsídios aos leitores para que se tornem sujeitos críticos na leitura de textos informativos é a que se propõe este artigo.

Ao se deparar com textos informativos, muitos leitores tornam-se, facilmente, manipuláveis, uma vez que compartilham com o paradigma da neutralidade dos referidos textos. Acabam sendo “leitores passivos”, não detectando, pois, os recursos linguísticos que garantem a persuasão.

É consenso de que os editoriais, carta de leitores, dentre outros gêneros textuais, são, totalmente, persuasivos. Quando o assunto é texto informativo,

há uma ideia de que não seria viável a utilização de recursos argumentativos na construção desse gênero textual, porquanto o que caracteriza tal gênero é a simples exposição de fatos.

Para viabilizar uma leitura crítica dos textos informativos, um dos “caminhos” possíveis é a conscientização, por parte dos leitores, da importância do conhecimento dos recursos persuasivos utilizados.

Com o intuito de auxiliar essa conscientização por parte do leitor comum, esta pesquisa baseada no estudo da Retórica, cujo objetivo primordial é estudar os meios pelos quais o discurso se torna persuasivo, com o apoio da Semântica Argumentativa e Língua Textual.

Para embasar tais linhas de pesquisa foram consultadas obras escritas por vários autores, quais sejam: Aristóteles, Ingedore Kock, Olivier Reboul, Perelman, Philippe Breton, Oswald Ducrot, dentre outros.

Esperamos que, neste ponto do artigo, o leitor já comece a se questionar o seguinte: “Como me tornar um leitor crítico durante a leitura de textos informativos?”.

Logo, é nossa intenção propiciar suporte para responder este questionamento. Nos textos informativos, há muito a ser descoberto, mas só que tem um olhar crítico, isso através do conhecimento da Retórica, conseguirá detectar a informação “encoberta”.

Retórica: caminho contributivo para aprender a “ler os textos”

“A família Silva está reunida em mais um domingo. Como é de costume, compram jornal neste dia da semana para, assim, ficarem todos atualizados. Carlos Silva, um dos componentes da família, leu a seguinte chamada: ‘Presidente já vai para mais uma viagem internacional’.

Carlos se questionou sobre a presença da palavra “já”. Ele pensou que esse “já” pudesse ser um meio de intencionalidade. Sendo assim, para sanar sua dúvida, perguntou aos demais familiares se eles viam algo de mais no uso do “já”. Recebeu, como resposta, vários “nãos”. Ninguém havia conseguido detectar nada de implícito na manchete. Carlos acabou se conformando e chegou à conclusão: não há nada de intencional em notícias, só mesmo em textos argumentativos.”

Situações como essa narrativa fictícia fazem parte do dia a dia de muitos leitores. Ler textos é uma atividade comum para a maioria das pessoas. Por causa disso, há um senso comum de que “sabemos lê-los perfeitamente”. No entanto,

boa parte dos leitores está longe de atingir tal objetivo.

Esse “saber ler” a que nos referimos não é aquele relacionado à decodificação de letras, mas sim, à inteligência do que se lê. Essa inteligência requer leitura de implícitos, subentendidos, ou seja, depreender as entrelinhas. Para que o leitor consiga “desvendar os segredos do texto” é fundamental que tenha consciência dos mais variados recursos retóricos e argumentativos presentes em nossa Língua. Afinal, ler não é só uma viagem de conhecimento, mas de formação.

Para que o leitor consiga “trilhar” os caminhos dessa “formação”, um caminho contributivo seria o estudo da ciência que trata da persuasão pelo discurso, qual seja: a Retórica.

O termo Retórica e os primeiros livros ou tratados de técnica retórica surgiram entre os gregos na democracia ateniense a partir de fins do século V a.C. Nesse contexto, houve a possibilidade de argumentação pública para resolver conflitos entre os cidadãos, renunciando-se à violência e aceitando as regras da melhor argumentação. A Retórica alcançou uma grande importância na Grécia, uma vez que o saber falar para persuadir se tornou indispensável nos tribunais, nas assembleias políticas, nas praças públicas, nos encontros sociais.

O exercício da política dependia, destarte, da habilidade em falar e argumentar corretamente, e era natural que houvesse a necessidade de professores que proporcionassem essa educação: os sofistas, mestres da arte da política. Estes mestres defendiam a crença de que não existe uma verdade única, mas argumentos mais ou menos convincentes.

Devido às críticas feitas por Platão, o termo “sofista” e seus derivados adquiriram uma irreduzível conotação pejorativa. Muitas das acepções atuais da palavra Retórica correspondem a distorções de fundo platônico daquilo que originariamente se chamou Retórica na Grécia antiga. Platão evidencia sua preocupação com o domínio político exercido pelos sofistas que, utilizavam-se, muitas vezes, de suas habilidades para fins escusos. Essa situação leva Platão a identificar a Retórica apenas como “hipertrofia da linguagem como forma sedutora” (SOUZA, 1999, p.7).

Embora os males que causou ao pensamento sofismático, é crucial a contribuição de Platão para uma concepção ética da Retórica que dê uma suma importância ao motivo da persuasão efetuada pelo orador. Afinal, a Retórica é uma técnica instrumental, e, como todo instrumento, pode ser usada para o bem ou para o mal.

A Retórica transforma-se, com Aristóteles em “ciência” que, quem quiser

bem falar e convencer deve aplicar no discurso, concebendo-a como técnica rigorosa de argumentação e como arte do estilo. Consoante Aristóteles, a Retórica visa a descobrir os meios que, relativamente a qualquer argumento podem levar à persuasão de um determinado auditório, o seu objeto é o “verossímil” ou “provável”. Segundo ele, perante auditórios populares que formavam as assembleias e tribunais, de nada serviam as demonstrações puramente científicas, sendo imprescindível recorrer à Retórica para obter o entendimento e convencer o auditório.

Em Arte Retórica (19--?, p.22-23) Aristóteles afirma:

(...) sua finalidade não é tanto persuadir, quanto descobrir o que há de persuasivo em cada caso (...) sua tarefa não consiste em persuadir, mas discernir os meios de persuadir a propósito de cada questão, como sucede com todas as demais artes e (...) o papel da Retórica se ocupa em distinguir o que é verdadeiramente suscetível de persuadir do que só é na aparência.

< A Retórica pode contribuir, por exemplo, a desmistificar “a tese” de que textos informativos são totalmente imparciais. No geral, os jornais afirmam percorrerem os caminhos da objetividade, imparcialidade e a neutralidade na transmissão de notícias. Boa parte dos manuais de jornalismo elucida que as matérias jornalísticas se dividem em informativas e opinativas. Estas apresentam a opinião do jornal ou de colaboradores. Aquelas relatam informações. Tal distinção nos leva ao entendimento de que as notícias sejam narradas de maneira imparcial, porém a neutralidade, a imparcialidade e a objetividade são impossíveis, em qualquer construção linguística, visto que a linguagem está sempre carregada de pontos de vista, de ideologia, das crenças de quem produz o mesmo. >

Sobre o estudo da Retórica, Perelman & Tyteca (apud CUNHA, 2002) esclarecem: “É o estudo das técnicas discursivas que permitem provocar ou aumentar a adesão dos espíritos às teses apresentadas ao seu assentimento”. Perelman & Tyteca (1999, p.50) elucidam também que “(...) uma argumentação eficaz é a que consegue aumentar essa intensidade de adesão, de forma que se desencadeie nos ouvintes a ação pretendida (da ação positiva ou abstenção) ou, pelo menos, crie neles uma disposição para a ação, que se manifestará no momento oportuno”.

Portanto, um caminho para que o leitor se torne crítico e reflexivo quanto à leitura de um texto, é, indubitavelmente, depreender os mecanismos da Retórica.

Ao analisar o texto por meio da retórica, os primeiros questionamentos que nos vêm à mente são os seguintes: “em que esse texto é persuasivo?”, “quais são seus elementos argumentativos e oratórios?”.

Com tais questionamentos, começamos a refletir que a leitura retórica é uma “conversa” entre quem lê e quem escreve. Reboul (2004, p.139) esclarece que

A leitura retórica, por sua vez, não objetiva dizer que o texto tem razão ou deixa de tê-la. Nem por isso é neutra, pois não hesita em fazer juízos de valor, em mostrar que tal argumento é forte ou fraco, que tal conclusão é legítima ou errônea. Critica e pondera, sem se abster de admirar, tendo como postulado que o texto, tanto em sua força quanto em suas fraquezas, pode ensinar alguma coisa. A leitura retórica é um diálogo.

Ao dar início à leitura de um texto, a partir dos ensinamentos da Retórica, faz-se necessário realizar uma série de perguntas, que, consoante Reboul (op cit., p.140), são os “lugares de interpretação”: algumas perguntas se direcionam ao orador, outras ao auditório e há aquelas relacionadas ao próprio discurso.

As primeiras perguntas estão relacionadas **ao orador**: Quem? Quando? Contra o quê? Por quê? Como?

O “quem?” é relacionado às informações sobre a vida do autor e da sua doutrina. Já a pergunta “quando?”, refere-se à época na qual foi realizado o discurso analisado. O “contra quem?” tem como foco os possíveis ataques a uma opinião, a uma doutrina, a um autor. O “por quê?” implica descobrir os objetivos para os quais o autor se direciona. E por fim, o “Como?”, à manifestação do autor em seu discurso.

Caso o leitor tenha esses questionamentos em mente e os coloque em prática durante a leitura de um texto, certamente, sua leitura passará a ser crítica, em que, provavelmente, descobrirá as possíveis tentativas de engodos por parte do autor. Logo, detectará que a arte do discurso propicia a arte de inventar, e, para isso, deve-se “armar” dos mecanismos da retórica e de algumas das suas percussoras, como a Semântica Argumentativa e Língua Textual;

A **Semântica Argumentativa** analisa as categorias concernentes ao seu uso na interação dos locutores. Para sintetizar, é uma nova linha de reflexão sobre

a linguagem em que questões como o sentido das construções gramaticais, os implícitos, os pressupostos e o uso dos operadores linguísticos são próprios dos estudos dessa ciência.

A **Linguística Textual** estuda a interação humana por meio da linguagem. Essa ciência estuda, segundo Beaugrande & Dressler (apud KOCH, 1994), sete fatores de textualidade, quais sejam: a coesão, a qual se refere aos fatores de continuidade e de progressão semânticas e referenciais presentes num texto por meio de elementos linguísticos. Esses elementos permitem que um enunciado seja visto como uma sequência textual ou discursiva formalmente unificada; a coerência, cuja noção designa as propriedades – conhecimentos culturais ou lógicos, valores morais ou ideológicos, lugares-comuns, etc – que permitem que uma sequência textual seja interpretada; a intertextualidade, a qual representa a relação entre os textos. Quando uma pessoa escreve um texto e cita, direta ou indiretamente, outro texto conhecido, tem-se a intertextualidade; a intencionalidade, que se trata da meta a ser obtida pelo texto, dentro de uma estruturação linguística e não ligada a uma intenção do autor do texto; a aceitabilidade, trata-se da aceitação de um texto como tal, além de atribuição de relevância ao que é veiculado; a situacionalidade, que trata de algo óbvio e relativiza os conceitos de coesão e coerência: um texto poder ser coerente numa determinada situação e incoerente em outra ; a informatividade, que é o grau de informação do texto: quanto maior for o grau, melhor para a coerência textual, pois é o fator de novidade que motiva o interesse pela recepção de um texto.

No campo **do leitor** a pergunta principal como estratégia para análise retórica é o “a quem?”, isso porque, segundo Perelman & Tychka (1999, p.7), “todo o discurso se dirige a um auditório”. Nesse conceito de Perelman, o auditório seria o conjunto de pessoas influenciado por uma argumentação.

É fundamental, para o sucesso da Retórica, conhecer o auditório a que se dirige tal discurso. Conhecendo quem pretende persuadir e convencer, o orador poderá, mais facilmente, tentar uma realizar uma comunhão. Há de se ter um acordo prévio entre orador e auditório:

De fato, não há diálogo, nem mesmo argumentação, sem um entendimento mínimo entre os interlocutores, entendimento referente tanto aos fatos quanto aos valores (...) Pode-se objetar que é difícil interpretar um discurso quando se ignora o acordo prévio que ele pressupõe. Mas esse acordo é revelado

pelo próprio texto: pelo não dito, pela ausência das provas que seriam de esperar, por suas fórmulas estereotipadas, alusões, expressões como: ‘é certo que’, ‘todos sabem’, ‘deve-se admitir’, etc. Também neste caso o texto explica o texto (REBOUL, 2004, p. 142-143).

Já quanto às perguntas relacionadas **ao discurso**, temos as seguintes: “do que trata?”, “o que diz?” e “como se diz?”. Conforme Reboul (op cit., p.143) o questionamento “Como se diz?” é o mais importante, já que faz referência aos recursos argumentativos utilizados na construção de um texto.

Depois de constatar que a análise de como se realiza a comunhão entre orador e leitor, é importante que o analista de texto tenha consciência dos recursos argumentativos que também fazem parte do estudo da retórica.

A seguir, citaremos alguns recursos argumentativos que podem fazer parte de um texto que tenha o intuito de convencimento.

Um primeiro recurso seria a **intertextualidade**. O prefixo “inter” já encaminha para uma definição desse recurso. “Inter” significa relação, logo temos uma “relação entre textos”. Quando um texto faz referência, direta ou indireta, a um outro texto, tem-se o recurso do intertexto. Há uma “conversa” entre os textos.

Outro recurso seria os **implícitos**. Em muitos textos o que não foi escrito deve ser levado em conta para que ele possa ser, verdadeiramente, compreendido. Na arte da persuasão, o implícito pode ser um ótimo recurso para convencer o leitor. Platão e Fiorin (2003, p.241) esclarecem:

Um dos aspectos mais intrigantes da leitura de um texto é a verificação de que ele pode dizer coisas que parece não estar dizendo. Além das informações explicitamente enunciadas, existem outras que ficam subentendidas ou pressupostas. Para realizar uma leitura eficiente, o leitor deve captar tanto os dados explícitos quanto aos implícitos.

Os **verbos dicendi** são outro meio para garantir a argumentação. São conhecidos como “introdutores da fala reportada”. Esses verbos carregam uma subjetividade por parte do emissor, já que em uma escolha lexical sempre há uma ideologia interiorizada.

Os **sinais de pontuação** também contribuem com a persuasão. Caso se

queria destacar um declaração polêmica ou um comentário por meio de travessão e parênteses, por exemplo, pode haver uma intencionalidade no uso de tais sinais de pontuação.

Há a presença marcante dos **operadores linguísticos** como contributivos com a persuasão. São elementos da gramática como as classes invariáveis (advérbios, preposições, conjunções, locuções adverbiais, prepositivas e conjuntivas) ou palavras denotativas de inclusão, exclusão e retificação ou aquelas que são elementos de ligação, sem valor semântico. Esses elementos demonstram a característica da argumentação dos enunciados, o sentido para que eles sejam direcionados.

Além dos recursos citados, há de se destacar o emprego dos **tempos verbais**, o **das orações adjetivas**, dentre outros. Ressaltamos que esses recursos citados, serão melhor explicados na análise textual do texto do Jornal O Globo.

Destarte, esperamos que essa restrita análise dos recursos retóricos e argumentativos apresentados conscientize o leitor sobre a importância de se compreender os mecanismos persuasivos da língua para apreender quaisquer tipos de textos, principalmente aqueles que, aparentemente, não apresentem carga argumentativa. A partir da análise retórica de um texto, o leitor conseguirá compreender que muitas vezes o “querer dizer é um querer fazer” (KOCH, 2000, p.161).

Desvendando as “entrelinhas” da neutralidade velada dos textos informativos

Analisaremos o texto informativo do jornal O Globo para demonstrar que o texto informativo pode ser repleto de recursos persuasivos. Nossa intenção também é de que o leitor possa refletir sobre a necessidade de conhecer os recursos argumentativos da língua portuguesa para, assim, realizar uma leitura eficaz de textos dessa natureza.

Para corroborar com o dito anteriormente, Kock (2000, p.162) elucida que o leitor deve se tornar capaz de

(...) descobrir tudo aquilo que se encontra, de algum modo, implicitado no texto, em seus diversos níveis de significação, ser-lhe-á mais fácil fugir à manipulação, ou seja, reconhecer as manobras discursivas realizadas pelo emissor, com o intuito

de conduzi-lo a uma determinada interpretação ou obter dele determinados tipos de comportamento.

Jornal O Globo, 08 de julho de 2009

Ligações perigosas

Ronaldo elogia Lula por indicar empreiteiras para construir CT para o Corinthians

Em seus tempos de menino prodígio, Ronaldo primava pelas declarações comportadas e pelo cumprimento de ações de marketing. Mesmo após a convulsão e a derrota na final da Copa de 1998, se lembrou de pendurar as chuteiras no pescoço para expor a marca do patrocinador. Aos 32 anos, depois de viver suas maiores glórias

e dores publicamente, já não obedece a qualquer tipo de censura. Perguntando durante o programa “Bem amigos”, do Sportv, sobre o que havia conversado com o presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, nas comemorações do título da Copa do Brasil, revelou que Lula tem indicado empreiteiras para a construção de um centro de treinamento para o Corinthians. (1º parágrafo)

—O presidente Lula é quem mais está ajudando o Corinthians nessa fase. Ele está dando alguns contatos de empreiteiras que podem nos ajudar, mas não é financeiramente. Ele é fanático, um corinthiano roxo – disse, antes de elogiar os conhecimentos de Lula sobre o futebol. – o presidente está sabendo de tudo e indica as empresas que podem ajudar. (2º parágrafo)

Ronaldo também está pessoalmente empenhando na construção do CT, que reduzirá os períodos de concentração, em que precisa dividir o quarto e a intimidade com um companheiro. Novamente sem censura, surpreendeu com uma frase que não cheira bem. (3º)

— Já estou velho, cheio de problemas para resolver. Aí liga a minha

mulher, o meu advogado e tem um cara do lado peidando. Se aguentar o cheiro do próprio já é difícil, imagina o do outro – disse lembrando que já tinha dormido mais vezes ao lado de Roberto Carlos do que com a própria mulher.(4º)

Oposição reclama, clube minimiza.

Esportivamente, seu casamento é com o Corinthians. Ronaldo adora comparar sua saga com a do povo brasileiro, que está sempre pronto a se reerguer. Na confusão entre o público e o privado, que marca a vida do craque e da sociedade brasileira, Ronaldo chegou a hesitar diante das perguntas sobre o teor da conversa com Lula.(5º)

–Não sei se posso falar... - titubeou por breve instante antes de tratar o lobby presidencial como algo natural e louvável.(.6º)

No futebol e na política, os adversários têm entendimento contrário. Para o líder do PSDB na Câmara, José Anibal (SP), é um fato grave.(7º)

– É a confirmação de que o presidente da república, por incrível que pareça, é uma pessoa que confunde o público com o privado.(8º)

Filho do ex-prefeito, César Maia, que jamais escondeu sua vontade de ajudar o Botafogo, o presidente do Democratas, Rodrigo Maia, acredita que o envolvimento tem limite: (9º)

–Como torcedor, pode ajudar pondo a camisa e recebendo o time. Mas influenciar financeiramente vai além.(10º)

Na recepção aos Corinthians, Lula teria relatado ao presidente do clube, Andrés Sanches, que um chinês o abordara em um evento, dizendo que poderia conseguir financiamento para o estádio do Corinthians.(11º)

– Não vejo qualquer maldade no presidente, como corintiano, se prestar a ajudar – minimizou o vice de futebol do clube, Mário Gobbi. - Futebol ficou muito caro, e precisamos de parceiros. Sua contribuição seria apenas com indicações, mas até agora ele não deu ajuda.(12º)

Ontem, na primeira edição da coluna “O presidente responde”, Lula negou que tenha havido “uma sangria” de recursos públicos no Pan, no Rio, mas reconheceu erros no planejamento. Lula afirmou que os investimentos para a Copa de 2014 serão mais bem detalhados. Ao contrário de Ronaldo, que agora fala sobre tudo abertamente, o presidente, que está na Itália, ainda não respondeu sobre o Corinthians.(13º)

Craque provoca outro mal-estar com Fla

Atacante questiona liderança da torcida rubro-negra e é chamado de humorista na Gávea

Quando Ronaldo escolheu o Corinthians como o clube pelo qual votaria a jogar futebol, a relação entre o atacante e o Flamengo estremeceu. Agora, o novo mal-estar do jogador com o clube que a todo o instante ele afirma ser o de seu coração, parece criar uma ferida ainda mais difícil de cicatrizar. Ao participar do programa “Bem, Amigos”, na noite de segunda-feira, no Sportv, Ronaldo mexeu no que talvez seja o maior orgulho dos rubro-negros: disse não acreditar nas pesquisas que apontam o Flamengo como a maior torcida do Brasil.(14º)

Perguntado se o Corinthians conseguiria, com a sua presença no clube, suplantar o Flamengo em número de torcedores, o jogador surpreendeu.(15º)

–Eu sou flamenguista desde criança, sempre fui ao estádio ver o Fla no Maracanã. Só que agora eu estou no Corinthians. O que aprendi aqui aqui é que essa pesquisa, de o Flamengo ter a maior torcida do mundo, do Brasil (corrigiu-se) não é certa. Não é uma pesquisa correta. Porque pegam os torcedores de outros estados, que sempre falam Flamengo como segundo time – disse Ronaldo.(16º)

Atacante crê em hostilidade no Maracanã e mostra receio

A declaração teve repercussão imediata na Gávea. (17º)

Ele (Ronaldo) está apresentando uma nova faceta: a de humorista. Vivendo e aprendendo. Agora ele é o engraçado. É um direito que ele tem – disse o vice de futebol rubro-negro, Kleber Leite. (18º)

Em 2008, uma pesquisa do Datafolha apontou o Flamengo com 17% da preferência no país, seguido pelo Corinthians, com 12%. A última pesquisa do Ibope, de 2004, mostrou números semelhantes: 18,1% do Flamengo contra 13,2% do Corinthians. (19º)

Ontem, Kleber Leite disse estar cansado de falar sobre a decisão de Ronaldo de jogar no Corinthians. (20º)

–Esta assunto encheu o saco. Estamos felicíssimos com o Adriano. Ronaldo voltou a dar a sua versão: (21º)

–Fui num casamento no último sábado e um senhor perguntou o que realmente tinha acontecido para eu não jogar no Flamengo. Eu disse que não aconteceu nada. Não recebi convite – repetiu (22º)

Até o técnico Cuca se envolveu: (23º)

– Ele nunca jogou aqui, não tem como falar. Em 2005, fui a Macapá com o Flamengo e fomos recebidos, de madrugada, por um aeroporto lotado. Mais da metade da cidade estava parada, fazendo carreata. Acho difícil isso acontecer com outro clube – disse o treinador. (24º)

O lateral Leonardo Moura foi diplomático: (25º)

– Não vou entrar em polêmica com Ronaldo. Mas a pesquisa diz tudo. (26º)

O executivo de marketing do Flamengo, Ricardo Hinrichsen, fez uma ironia e uma comparação: - Ronaldo deve estar chateado porque não mandamos a camisa 9 do Flamengo para ele. Vou fazer uma com o nome dele para ver se ele fica mais calmo. Dizer que um rubro-negro que mora em Fortaleza tem dois clubes seria o mesmo que dizer que um corintiano

de Bauru também torce pelo Noroeste.(27º)

O técnico do Corinthians, Mano Menezes, saiu em defesa de seu atacante: (28º)

– Não vejo motivo para crise ou grandes desdobramentos. Ele (Ronaldo) só quis fazer uma brincadeira.(29º)

A nova polêmica surge a cerca de um mês do jogo entre Flamengo e Corinthians, no Maracanã, no dia 9 de agosto, pelo Brasileiro. Perguntado se temia pela reação da torcida rubro-negra, Ronaldo mostrou que não esperava passar por tal situação. Ele achava que o estádio já estaria interditado para obras da Copa de 2014. No Maracanã, Ronaldo jamais fez gol.(30º)

–Não podia interditar antes...–disse, ao saber que interdição será no ano que vem.– Vou encarar.(31º)

Ronaldo disse ter sido informado de que a diretoria rubro-negra estaria orientando a torcida a hostilizá-lo e garantiu que não ficaria surpreso com isto. Ronaldo falou até sobre Adriano, hoje no Flamengo.(32º)

– A Diretoria tem que proteger mais Adriano. E ele tem que se proteger mais também(33º)

**Jornal O Globo, seção Esportes, página 30. Jornalistas: Luiza Damé, Catarina Alencastro e Marcos Penido, 8 de julho de 2009.*

O primeiro destaque da reportagem é a ajuda do Presidente Lula ao clube Corinthians para que consiga construir um novo centro de treinamento. O título da notícia já é bastante sugestivo: “Ligações Perigosas”. Esse título leva o leitor a ter uma má impressão da ligação entre um Presidente da República e um clube de futebol. Afinal, o que é perigoso ocasiona medo, desconfiança: como se fosse uma relação “mafiosa”.

Esse título também é exemplo de **intertextualidade**, uma vez que há um filme (lançado em 1988) com esse mesmo nome (Ligações Perigosas). Sobre a utilização do título como recurso argumentativo, Cunha (2006, p.65) esclarece:

Um título é um segmento isolado do discurso que cumpre uma ou mais destas funções: é um nome, é um recurso de atratividade que funciona como ponto de entrada, a parte que se lê primeiramente, é um recurso de acessibilidade que presta um esclarecimento temático sobre a natureza do discurso que nomeia, e é também uma parte ativa do mesmo, quando não pode ser excluído sob pena de alterar ou impedir a inteligibilidade do discurso com um todo.

A intertextualidade se faz presente no nosso dia a dia, visto que, a todo o momento, estamos reelaborando discursos que nos foram ensinados. Conforme Azeredo (PAULIUKONIS; GAVANNI, 2003, p.27):

A palavra tem uma face social e uma face individual: social, porque é um meio coletivo de representação e compreensão do mundo – o que torna possível a comunicação -; individual, porque é matéria prima em que cada um reelabora o conhecimento que recebe, forma a consciência crítica sobre ele e exercita a imaginação. Conhecimento, consciência crítica e imaginação são os ingredientes de toda mudança e de todo o progresso material espiritual da humanidade. Por tudo isso, nossos discursos tendem a ser organizados como um tecido em que à nossa própria voz se somam outras. Apropriamos de uma fala geral e anônima, empregando um ditado ou uma expressão cristalizada ('Em casa onde falta pão, todos reclamam e ninguém tem razão'; 'Fiquei a ver navios'); usamos aspas para esclarecer que uma frase ou expressão do texto não é nossa (Jader Barbalho "está meditando" sobre a possibilidade de renunciar"); encaixamos em nosso enunciado algo que nos confidenciaram: "Um passarinho me contou que você faz aniversário hoje!" ou "É verdade que você vai ser papai!".

Um destaque também no texto é o **implícito** presente em vários segmentos. Antes da análise dos implícito, ressalta-se que, dentro do campo dos implícitos, há os pressupostos e os subentendidos. Segundo Drucrot (1987, p.20):

Se o posto é o que afirmo, enquanto locutor, se o subentendido é o que deixa meu ouvinte concluir, o pressuposto e o que

apresento como pertencendo ao domínio comum de duas personagens do diálogo, como objeto de uma cumplicidade fundamental que liga entre si os participantes do ato da comunicação.

No primeiro parágrafo, o segmento “Em seus tempos de menino prodígio, Ronaldo primava pelas declarações comportadas e pelo cumprimento de ações de marketing” ressalta que Ronaldo hoje não seria mais um menino prodígio, já estaria em “outros tempos”, não teria tanto vigor como um menino tem. Esse tipo de implícito ganhou força no texto porquanto o segmento “Em seus tempos de menino prodígio”, um **adjunto adverbial**, foi **deslocado** para o início da oração.

Outro segmento que possui carga **implícita** é o seguinte (quarto parágrafo): “(...) disse lembrando que já tinha dormido mais vezes ao lado de Roberto Carlos do que com a própria mulher”. O segmento não deixa de fazer referência, indireta que seja, ao episódio do envolvimento de Ronaldo com os homossexuais (travestis). Há uma insinuação, com essa declaração da notícia, de que o ambiente futebolístico propiciaria possíveis envolvimento que seriam condenados por uma sociedade tradicionalista. Essa afirmação negativa de Ronaldo, foi enfatizada também pelo uso de um segmento **conotativo**: “Novamente sem censura, surpreendeu com uma frase **que não cheira bem**”. Uma afirmação que “não cheira bem” nos leva a conclusão de que o que foi dito é desastroso, podendo abalar a moral machista que circula no meio futebolístico.

O subtítulo “Craque provoca outro mal-estar com o Fla” também possui uma **carga implícita**. O pronome “outro” indica que Ronaldinho já provocou, mais de uma vez, a torcida do Flamengo. No segmento “Agora, o novo mal-estar do jogador com o clube (Flamengo)”, do 15º parágrafo, o adjetivo “novo” também tem sua carga implícita, visto que a referida palavra propicia o seguinte entendimento: se provocou um novo mal-estar, Ronaldo, em outras oportunidades, já teria provocado algum mal-estar em relação à torcida do Flamengo. O mesmo caso (uso do adjetivo “novo” e sua carga implícita) se vê no seguinte fragmento, do 28º parágrafo: “A nova polêmica surge a cerca de um mês do jogo entre Flamengo e Corinthians (...)”

Há de se destacar o uso da **concessão** no primeiro parágrafo da reportagem: “**Mesmo** após a convulsão e a derrota da Copa de 1998, se lembrou de pendurar as chuteiras no pescoço para expor a marca do patrocinador”. Por meio da palavra “mesmo”, foi enfatizado que Ronaldo, por pior que fosse a situação, não se esquecia

dos patrocinadores, como se fizesse “tudo pelo dinheiro” no início da carreira, o que fica provado pelo uso do segmento “pendurar as chuteiras no pescoço”. É difícil imaginar que uma pessoa que tivesse passado por um estado de convulsão lembrar-se-ia de seus patrocinadores e, ainda, penduraria as chuteiras no pescoço. Essa declaração foi importante para a comparação entre os “dois Ronaldos” feita pelo autor: o de ontem, comportado e obediente às normas; e o de hoje, o que “não obedece a qualquer tipo de censura”.

Outro **operador** utilizado como meio persuasivo foi a **conjunção “mas”**, no décimo terceiro parágrafo: “Ontem, na primeira edição da coluna ‘O presidente responde’, Lula negou que tenha havido ‘uma sangria’ de recursos públicos no Pan, no Rio, **mas** reconheceu erros no planejamento”. Inicialmente, foi criada uma expectativa de total sucesso por parte do governo quanto à conduta com recursos públicos, pois Lula afirmou que não houve “sangria” com o dinheiro público. Porém, na sequência da oração, a conjunção “mas”, “quebrou essa expectativa”, levando o leitor a refletir sobre a ineficiência do governo quando o assunto é recursos públicos.

Quanto às figuras de linguagem destaca-se o uso da **hipérbole** no seguinte segmento do primeiro parágrafo: “Aos 32 anos, depois de viver suas maiores glórias e dores publicamente, já não obedece a qualquer tipo de censura”. Insinuar que uma pessoa, só porque já está com 32 anos, não obedece a nada, a nenhum tipo de censura, é, no mínimo, exagerar, característica essa, que é marca da hipérbole. Consoante Reboul (2003, p.123-124): “A nosso ver, a função semântica da hipérbole é dizer que de fato não conseguimos dizer, é dar a entender que aquilo de que estamos falando é tão grande, tão bonito, tão importante (ou o contrário) que a linguagem não poderia exprimir.”

Outra **hipérbole** encontrada no texto está no quinto parágrafo: “Ronaldo adora comparar sua saga com a do povo brasileiro, que está sempre pronto a se reerguer”. Segundo o dicionarista Houaiss (2004, p.660), a palavra “saga” significa “narrativa heroica cheia de acontecimentos maravilhosos e extraordinários”. Ronaldo, com apenas 32 anos, está “longe” de ter uma saga como o povo brasileiro. Com essa hipérbole, o jornal induz que Ronaldo considera sua vida uma epopeia, uma narrativa de grande proporção. Realmente, um exagero.

Ainda no campo da **hipérbole**, destaca-se o termo “sangria”, no décimo terceiro parágrafo: “Ontem, na primeira edição da coluna “O presidente responde”, Lula negou que tenha havido “uma sangria” de recursos públicos no Pan, no Rio, mas reconheceu erros no planejamento.”. A palavra “sangria” está sendo usada

no seu sentido conotativo, uma vez que está com o significado de “esvaziar”, “esgotar” e não de “tirar sangue”. Não é positivo para um presidente “sangrar” os recursos públicos

O uso das **orações adjetivas** na notícia analisada surpreende. No décimo terceiro parágrafo, no segmento “Lula afirmou que os investimentos para a Copa de 2014 serão mais bem detalhados. Ao contrário de Ronaldo, que agora fala sobre tudo abertamente, o presidente, que está na Itália, ainda não respondeu sobre o Corinthians” há duas orações adjetivas explicativas que estão com informações **implícitas**: “que agora fala sobre tudo abertamente” e “que está na Itália”. A primeira nos leva a crer que, em algum tempo, Ronaldo “escondeu” da mídia algumas informações; afinal, só agora “ele fala tudo abertamente”, ou seja, em outros tempos não falava abertamente. Na segunda oração adjetiva, há uma referência ao número excessivo de viagens do presidente Lula. Como viaja bastante, Lula não estava no Brasil para explicar ao Globo as possíveis relações com o clube Corinthians.

No décimo quarto parágrafo, a **oração adjetiva** “que ele (Ronaldo) a todo instante afirma ser o (time) de seu coração (...)” tenta demonstrar uma atitude **contraditória** do jogador. No subtítulo da notícia, há uma informação de que Ronaldo provocou um mal-estar com a torcida do Flamengo. Como uma pessoa que declara ter o Flamengo como o time do coração, provoca um mal-estar com o referido time. É, no mínimo, contraditório.

Ainda para destacar essa contradição de Ronaldo, foram utilizados **dados** dos institutos de pesquisa Datafolha e Ibope, numa tentativa de “desarmar” os argumentos do esportista referido: “Em 2008, uma pesquisa do Datafolha apontou o Flamengo com 17% da preferência no país, seguido pelo Corinthians, com 12%. A última pesquisa do Ibope, de 2004, mostrou números semelhantes: 18,1% do Flamengo contra 13,2% do Corinthians”. Os números demonstram que o Flamengo é a maior torcida do Brasil, o que vai de encontro ao afirmado pelo Ronaldo.

A utilização dos **verbos** pode ser uma fonte significativa para a persuasão do leitor. Na notícia em análise, no primeiro parágrafo, o uso do verbo “revelou” (“(...) revelou que Lula tem indicado empreiteiras para a construção de um centro de treinamentos para o Corinthians”), propicia ao leitor o seguinte entendimento: Ronaldo estaria “confessando” que Lula estaria realizando ações não propícias a um presidente da república. Essa rotina de aconselhamentos do presidente Lula está ratificada com o uso do **pretérito perfeito composto** “tem indicado” que

indica que uma ação continua sendo realizada frequentemente.

Outro **verbo** que destaca a possível subjetividade de quem assina o texto jornalístico é o “surpreendeu”, no décimo quinto parágrafo (“Perguntado se o Corinthians conseguiria, com a sua presença no clube, suplantar o Flamengo em número de torcedores, o jogador **surpreendeu**”). O uso de tal verbo consolidou o tema que o jornalista quis destacar: o mal-estar provocado pela declaração de Ronaldo. Foi surpreendente, admirável o fato de uma pessoa que se intitula “flamenguista” (Ronaldo informou que o Flamengo é o seu time do coração), afirmar que o Flamengo não seria a maior torcida do Brasil. O segmento, no mesmo décimo parágrafo, “(...) Ronaldo mexeu no que talvez seja o maior orgulho dos rubro-negros: disse não acreditar nas pesquisas que apontam o Flamengo como a maior torcida do Brasil”, reafirma a ação surpreendente do Ronaldo, principalmente com o uso do verbo “mexeu”. Tem-se uma valoração negativa da atitude do jogador Ronaldo.

Ainda, como exemplos de verbos que elucidam o tema que o autor da notícia quis destacar, temos o “titubeou” e o “repetiu”, nos 6º e 22º parágrafos, respectivamente.

Logo depois do trecho que informa a hesitação de Ronaldo às perguntas sobre o teor da conversa com o presidente Lula, foi utilizado o **verbo** “titubeou”, que auxilia a ideia de que o jogador se expressou com dificuldades, com dúvidas. Possivelmente, Ronaldo refletiu sobre as conseqüências de sua declaração sobre o Lula. O verbo “repetiu” foi usado logo após a declaração do Ronaldo, o qual informou que, até em um casamento, ele foi questionado sobre a sua não contratação pelo Flamengo. O referido verbo indica que, em outras vezes, Ronaldo já havia sido questionado; estaria, pois, saturado em responder tal pergunta.

Por fim, destaca-se o **uso dos operadores** “também”, “até” e “jamais”. Com o uso do “também” pressupõe-se que Ronaldo não gostaria de ficar muito tempo concentrado, pois teria que dividir o quarto e a intimidade. É como se ele tivesse receio de alguma coisa, medo: “Ronaldo também está pessoalmente empenhado na construção do CT, que reduzirá os períodos de concentração, em que precisa dividir o quarto e a intimidade com um companheiro”.

Já o **operador “até”** no segmento “Até o técnico Cuca se envolveu” (23º parágrafo), demonstra o “tamanho” do desastre da declaração do Ronaldo sobre a torcida do Flamengo. Cuca, treinador do Corinthians, teve que interceder para “acalmar” os ânimos da torcida adversária.

No segmento “Ronaldo falou até sobre Adriano, hoje no Flamengo”

(penúltimo parágrafo), o **operador “até”** destaca a rivalidade entre os jogadores e os times referidos.

O **operador “jamais”** foi utilizado no segmento “No Maracanã, Ronaldo jamais fez gol”(30º parágrafo). Com a utilização de tal operador, houve uma provocação a Ronaldo, já que ele é considerado um fenômeno do futebol, e até o momento não teria feito um gol sequer no maior estádio do Brasil.

Considerações finais

Nossa sociedade tem como uma de suas muitas características a elaboração de sentidos-comuns, essas concepções que se tornam “verdades-absolutas”. Uma dessas “verdades” é a tese de que os textos informativos, na maioria das vezes, não utilizam argumentação, ou seja, seriam totalmente imparciais.

Sabe-se que a linguagem, seja ela oral ou escrita, é carregada de ideologia da parte de quem a usa. Como então afirmamos que um texto informativo seria totalmente imparcial?

Essa crença na imparcialidade da linguagem informativa faz com que muitos leitores sejam ludibriados por ela.

Para desmistificar essa “verdade” de que o texto informativo não utiliza argumentação e que os leitores precisam estudar os recursos retóricos existentes na língua portuguesa é a que se propôs esse artigo.

Após a leitura desse artigo, espera-se que a postura de passividade interpretativa dos leitores dê lugar a uma postura crítica, ativa quanto à leitura de informações.

Ao finalizarmos a análise do texto informativo, chegamos à conclusão de que essa tipologia textual pode apresentar variados recursos persuasivos, embora sejam avaliados, por muitos, como textos imparciais.

Esperamos que a leitura deste artigo desperte, no leitor, o interesse em estudar os recursos persuasivos presentes em nossa língua portuguesa. Com efeito, a noção de que “ler” é somente “decodificação” tornar-se-á uma tese, facilmente, rebatida.

Destarte, para alcançar uma leitura eficiente, em que a pessoa saiba, realmente, entender o que se lê, é crucial conhecer os recursos retóricos. Conhecer os mecanismos da língua nos propicia contar com um subsídio teórico valioso. Devemos, pois, nos conscientizar de que um texto informativo pode sim esconder

uma forte carga argumentativa: “Assim não há conhecimento neutro, opinião neutra e, por analogia, texto neutro (...) A imparcialidade, tão proclamada por alguns veículos de comunicação é praticamente impossível”. (GAZANI; RODRIGUES, 2003, p.60).

Para tanto, faz-se necessário buscar subsídios nas teorias do discurso que proporcionaram embasamento a esta pesquisa, quais sejam: a Retórica, a qual propicia ao leitor conhecer os recursos utilizados com fins de argumentação (intertextualidade, figuras de linguagem, etc); a Linguística Textual, em que se estudam os fatores que colaboram com a textualidade de um texto (coesão, coerência, etc); Semântica Argumentativa, na qual reflexão sobre a linguagem (operadores linguísticos, implícitos, etc) e a interação dos locutores são suas maiores “fontes” de estudo.

Sobre a importância de se conhecer os recursos persuasivos para uma melhor interpretação textual, Kock (2000, p.161) esclarece: “(...) a atividade de interpretação do texto deve sempre fundar-se na suposição de que o emissor tem determinadas intenções e de que uma decodificação adequada exige, justamente, a capacitação dessas intenções por parte de quem lê: o **querer dizer** como um **querer fazer**”. (grifos do autor)

Sendo assim, quando o leitor se conscientizar da importância de tais recursos, tornar-se-á um leitor “ativo”, “questionador”, “não-manipulável”.

Na introdução deste artigo, propusemos um questionamento: “Como me tornar um leitor crítico durante a leitura de textos informativos?”. A própria análise do texto do jornal O Globo encaminha o leitor a uma resposta.

Referências

ARISTÓTELES. *Arte Retórica e Arte Poética*. Tradução de Antônio de Carvalho. Rio de Janeiro. Tecnoprint, 19--?

AZEREDO, José Carlos. O aposto e o intertexto. In: PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino; GAZANI, Sigrid. *Texto e discurso: mídia, literatura e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

CUNHA, Hélia Coelho Melo. *Não sei ler... mas tenho que escrever: aprendendo a ler no Ensino Médio*. 2002. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual do Norte

Fluminense, 2002.

DAMÉ, Luiza; ALENCASTRO, Catarina; PENIDO, Marcos. Ligações perigosas. *Jornal O Globo*. 8 jul.2009. Seção Esportes. p. 30.

DUCROT, Oswald. *O dizer e o dito*. Campinas: Pontes, 1987.

GAZANI, Sigrid.; RODRIGUES, Tânia Mara. Verbos discendi na mídia impressa: categorização e papel social. In: PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino; GAZANI, Sigrid. *Texto e discurso: mídia, literatura e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

HOUAISS, Antônio. *Míni dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

KOCH, Ingedore G. Villaça. *Argumentação e linguagem*. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2000.

_____. *A coesão textual*. 7 ed. São Paulo: Contexto, 1994.

PERELMAN, Chaïn; TYTECA, Lucie Olbrechts. Apresentação de dados e forma do discurso. In: *Tratado da argumentação: a nova retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

PLATÃO, Francisco; FIORIN, José Luiz. *Para entender o texto*. 16 ed. São Paulo: Ática, 2003.

REBOUL, OLIVIER. *Introdução à Retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SOUZA, Roberto Acízelo dos. *O império da Eloquência – Retórica e Poética no Brasil Oitocentista*. Rio de Janeiro: EdUERJ; EdUFF, 1999.